

C A T Á L O G O

P O N T E

N Ö R D I C A

N O A R

Para além de apresentar a programação de filmes da nova edição do **Festival Ponte Nórdica no Ar** - plataforma de streaming com filmes online e gratuitos - este catálogo traz contribuições de autores brasileiros convidados, que nos brindam com distintas perspectivas sobre a exibição de filmes da cultura nórdica, a formação de público para tais exibições, além de ações e reflexões sobre projetos na área de audiovisual desenvolvidos no Brasil e nos países nórdicos.

“

*Descontado o trocadilho, o maior mérito da Ponte Nórdica no Ar é estimular a audiência a ter contato com filmes noir de perspectivas diversas, que primam pela qualidade e não subestimam a sensibilidade e inteligência de quem os assiste. Ampliar o cardápio cultural nunca será coisa pouca ou de somenos. O movimento mais produtivo do telespectador residirá justamente na postura contrária: aquela do sujeito curioso por redescobrir como o drama, o mistério e a aventura podem conter ritmos, cores e sons tão diversos.*

Jean Pierre Chauvin

APRESENTAÇÃO

Cultura  
cinematográfica  
nórdica em  
streaming:  
Ponte Nórdica  
no Ar

Por Alessandra Meleiro e Vania Cerri

O [Ponte Nórdica no Ar](#) é a plataforma de streaming do Festival Ponte Nórdica – que já acumula três edições presenciais em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba – para exibições de filmes dos países nórdicos de forma gratuita e online, através de plataforma própria. Trata-se de uma ação do Instituto Cultural da Dinamarca em parceria com o Instituto Iniciativa Cultural e apoio institucional dos consulados e embaixadas dos países nórdicos no Brasil, visando o estabelecimento de intercâmbio cultural, especialmente na área audiovisual, entre Brasil e países nórdicos.

A plataforma conta com um catálogo de quinze filmes, que serão disponibilizados ao longo dos meses de março à maio de 2021, todos provenientes dos países nórdicos (Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia). A programação, para além das exibições, traz ações formativas gratuitas e online.

Considerando a cultura cinematográfica em sua dimensão global, enquanto linguagem visual capaz de se estabelecer como ponte para a comunicação e conhecimento entre as diversas culturas, ações formativas específicas foram pensadas com exclusividade para a formação e capacitação de professores brasileiros, especialistas em cinema-educação e estudantes da área.

Reunidos em torno do filme, sob mediação de formadores da Finlândia e Dinamarca, educadores e educandos brasileiros com aderência à área, poderão estreitar sua comunicação com a cultura nórdica utilizando o filme em sua dimensão instrumental, como uma ferramenta de aprendizagem na aquisição e experimentação dessa linguagem mundial comum, a cinematográfica.

De mais a mais, aspectos globais e locais podem se fundir na compreensão mais aprofundada da cultura nórdica, respeitando suas particularidades culturais e originárias, uma vez que mediadas pelos seus respectivos formadores (agentes) culturais.

O programa formativo se estende ainda às atividades de workshop para o desenvolvimento de documentários de animação, mídias imersivas e emergentes, conduzidos por profissionais da Dinamarca e Noruega, no intuito de apoiar e orientar diretores e produtores em seus próprios projetos criativos. A proposta é de uma imersão no universo das novas narrativas digitais com assessoria para a cocriação e realização de obras. Tais atividades são destinadas a laboratórios e grupos de pesquisas incubados em Universidades e outros centros de pesquisas



brasileiros. Nesse contexto, as narrativas interativas e imersivas tomam formatos de web-documentários, documentários interativos, vídeos 360, animação em realidade virtual, narrativa em realidade aumentada, mapas sonoros, instalações transmídia [estação interativa + celular], em websites, celulares, tablets, computador com ou sem óculos 3D [realidade virtual].

No intuito de operar como veículo equânime no acesso e formação do público em cinema, a exibição de obras nórdicas conta ainda com a possibilidade de abertura para discussões sobre o aspecto formal e estético do gênero, que nos revela inclusive, a partir de sua gênese, os principais motivos sobre sua grande aderência e propagação junto ao público, dentro e fora do território nórdico.

A inovação da atual edição fica por conta da escolha da programação exclusiva de filmes que, diferentemente do último Festival Ponte Nórdica contemplado por exibições de caráter mais autoral, traz agora ao público brasileiro um seletor repertório que dá a ver outro lado do cinema nórdico, a exibição de filmes mais “comerciais”, modalidade esta que apresenta significativa aderência dentre os próprios nórdicos e que os põe num lugar de destaque diante da relevante exportação de materiais, técnicas e mão de obra para o cinema internacional, atraindo olhares e forte absorção do mercado internacional de cinema, especificamente o americano.

Como parte da proposta curatorial, atuando como ponte no fazer conhecer e no intercâmbio entre culturas nórdica e brasileira, essa edição apresenta ainda possibilidade de ampliação e discussão sobre o campo do audiovisual e suas tendências contemporâneas, levantando questões sobre a forte propagação da tecnologia de transmissão de conteúdo online, por meio do streaming, como método de distribuição, no consumo de filmes, áudios, e etc, questões estas perceptíveis nas mais variadas produções nórdicas originais, muitas vezes pouco acessíveis a outras culturas, ou sujeitas à apreciação pelo crivo de remakes, método bastante utilizado pelo mercado norte-americano, na absorção e comercialização de filmes e séries nórdicas e escandinavas.

A escolha das obras filmicas nessa edição curatorial reserva um olhar especial à formação de público através de uma socialização dos meios de apreensão e

fruição do nicho escolhido, que ultrapassam formas corriqueiras de divulgação, veiculadas por compradores intermediários. Do mesmo modo, como plataforma interativa, busca ampliar e socializar aspectos antes restritos aos espectadores mais regulares, agora estendida ao público geral e a outros consumidores diretos ou intermediários que interagem em novas plataformas de mídia social ou televisiva.

### **Alessandra Meleiro**

Pós-doutorado junto à University of London e Professora do Bacharelado em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos. Presidente do IC – Instituto das Indústrias Criativas, membro da UNCTAD/ONU. Foi Presidente do FORCINE entre 2016-2020. Autora de 09 livros sobre cinema mundial, políticas e indústria audiovisual. Atuou como Research Fellow na Dinamarca junto à Aarhus University e VIA University/ School of Business, Technology and Creative Industries e como Consultora de empresas como Netflix Brasil, Itaú Cultural, Anima Mundi/JLeiva, dentre outras.

### **Vania Cerri**

Pós-doutorado no departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação da UNESP. Doutora em Arquitetura pela FAU/USP e Mestre em Filosofia, História e Estética da Arte e Arquitetura pela FFLCH/USP.





Fonte: A Resistência de Inga (Grímur Hákonarson, 2019)

# De dentro para fora, de fora para dentro: o cinema nórdico em perspectiva

Por Priscila Nascimento Marques

A máquina audiovisual nórdica figura entre as principais fontes da produção cinematográfica mundial de qualidade desde os primórdios da sétima arte. Com representantes clássicos como Carl Theodor Dreyer (1889-1969), Ingmar Bergman (1918-2007) e Edith Carlmar (1911-2003), em cujo filme *Liv Ulman*, a futura musa de Bergman, teria seu primeiro papel principal, a indústria nórdica se destacou menos por superproduções de orçamentos astronômicos do que por filmes mais introspectivos, que propõem mergulhos mais verticais na psicologia dos personagens e nas relações humanas.

O ambiente doméstico e familiar, as relações de amor e amizade, a sexualidade e o cotidiano são eixos que norteiam boa parte das narrativas dos filmes produzidos por esses países. Esse traço cultural de olhar e cuidar do que está dentro (da casa, de si) ganhou expressões estéticas e até linguísticas: basta mencionar o mundialmente prestigiado design de interiores nórdico ou o intraduzível termo *hygge* (do dinamarquês e norueguês), que expressa algo como conforto, acolhimento e aconchego.

No cinema, essa característica se traduz prioritariamente na criação de dramas e é potencializada por uma marca bastante própria dessa produção: o orçamento relativamente baixo aliado a existência de escolas tradicionais de roteiro e atuação, que engendrou uma fortuna audiovisual que se destaca pela qualidade do trabalho dos atores e, basicamente, por suas boas histórias. É um cinema que, antes de qualquer coisa, conta histórias, narrativas envolventes e profundamente humanas.

Os dramas familiares são recorrentes nessa cinematografia, desde o provocador movimento *dogma* com os títulos sensíveis de Susanne Bier (*Corações livres*, 2002) ou o avassalador *Festa em família* (1998) de Thomas Vinterberg. Mais recentemente, este é o caso da produção mais intimista de Pernille Fischer Christensen (*En Familie*, 2010, *En Soap*, 2006), May el-Toukhy (*Rainha de Copas*, de 2019, e *Long Story Short*, 2015) e Bille August (*Stille hjerte*, 2014, e *Um homem de sorte*, 2018).

Mas que famílias são essas? Diferentes arranjos e composições são representados em produções nórdicas, como o pai-mulher transexual de *Going West* (dir. Henrik Martin Dahlsbakken, 2017) e *A perfectly normal family* (dir. Malou Reymann, 2020), ou a vida coletivizada de *Juntos* (dir. Lukas Moodysson, 2000) e *A comunidade* (dir. Thomas Vinterberg, 2016).



Embora um cinema de tipo realista seja predominante, o cinema nórdico não deixa de visitar gêneros fantásticos para contar suas histórias com a mesma sensibilidade, como no já clássico *Deixe ela entrar* (dir. Tomas Alfredson, 2008) ou menos conhecido *Quando os animais dormem* (dir. Jonas Alexander Arnby, 2014).

Dentre a miríade de relações interpessoais possíveis, esta cinematografia não raro compõe belos retratos dos laços de amizade, como é o caso de películas de Lukas Moodysson (*Fucking Aamaal*, 1998, e *Nós somos as melhores*, 2013), e fraternos – ou não tanto, como é o caso de *Ovelha negra* (dir. Grímur Hákonarson, 2015).

O cinema nórdico oferece, ademais, uma extensa galeria de personagens femininas marcantes. A representação nas telas não pode ser vista fora de um contexto em que as questões de gênero são amplamente discutidas fora das telas, nos quadros da administração pública e nas políticas de incentivo de audiovisual como é o caso desse conjunto de países. Vale a pena conferir o trabalho de figuras como Anna Serner, CEO do Instituto de Cinema Sueco, nesse sentido.

A luta das mulheres política é retratada em trabalhos documentais, como em *The Feminist, a Swedish Inspiration* (dir. Hampus Linder, 2018) sobre Gudrun Schyman, ou *Kitchen Sink Revolution* (dir. Halla Kristín Einarsdóttir, 2015) sobre a formação do partido Aliança de Mulheres na Islândia.

A contraparte propriamente ficcional desse movimento apresenta figuras mais ou menos prosaicas, da rebelde fazendeira de *A revolução de Inga* (dir. Halla Kristín Einarsdóttir, 2019) à ativista ambiental Halla de *Woman at war* (dir. Benedikt Erlingsson, 2018).

Assim, movimentos de *zoom in* e *zoom out* se intercalam. O foco no mais íntimo e particular do indivíduo, naquilo que ocorre nos limites de uma subjetividade e entre as paredes de casas de decoração minimalista, vez por outra irrompe e extravasa, invadindo as ruas, questionando as estruturas de poder.

### **Priscila Nascimento Marques**

Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tradutora e estudiosa de literatura russa e aficionada por cinema nórdico.



Fonte: Departamento Q – Guardiões das Causas Perdidas (Mikkel Norgaard, 2013)

# Um outro Noir

Por Jean Pierre Chauvin

Salvo engano, estamos habituados a supor que os filmes e séries de temática policial, a que assistimos desde meados do século XX, devam sua origem, argumentos, fórmulas de composição e desfechos imprevistos aos contos de suspense e mistério de Edgar Allan Poe; às proezas do detetive Sherlock Holmes, criado por Sir Arthur Conan Doyle; aos roubos e ilusionismos de Arsène Lupin, pelas mãos de Maurice Leblanc; aos personagens espectrais criados por Henry James; às habilidades psicológicas e dedutivas de Hercule Poirot e Miss Jane Marple, legados por Agatha Christie...

Da prosa detetivesca, produzida desde as primeiras décadas do século XIX, passamos a um subgênero policial que se popularizou nas Américas. Concentrada nos Estados Unidos a partir dos anos 1940, a literatura *noir* representou um complexificação dos temas abordados nos romances considerados “clássicos”. Com roteiros acentuadamente ágeis, com direito ao submundo das cidades, perseguições incansáveis e fugas incríveis, essas narrativas vinham carregadas por atmosferas lúgubres e cenários sombrios.

Os contos e romances *noir* costumam ser associados a escritores do porte de Cornell Woolrich, Dashiell Hammett, James M. Cain, Jim Thompson, Raymond Chandler e, sem forçar a mão, a aventuras internacionais, como aquelas em que se especializou Ian Fleming – autor de dezenas de livros que foram transpostos para o cinema com a franquia milionária *James Bond*.

Algo bem diferente acontece nos filmes que se convencionou chamar como representantes do gênero *noir* nórdico. Ambientados em países com línguas, paisagens, culturas e comportamentos sociais sobremodo diversos, em relação ao que somos mais acostumados, seriados, curtas e longas-metragens produzidos na Suécia, Dinamarca, Finlândia, Islândia e Noruega, revelam modos bem outros de conceber a passagem do tempo, a configuração dos espaços e o modo como as personagens sentem, pensam, agem e se relacionam.

Do ponto de vista técnico, por assim dizer, uma diferença fundamental reside no modo como a direção extrai o potencial dos atores e posiciona as câmeras: é comum haver longos plano-sequência, seja de espaços amplos, seja de objetos mínimos, o que transforma a experiência do auditório em uma jornada (ou



passeio) mais detida(o). Quase sempre, o cinema nórdico alterna longas cenas de contemplação com breves episódios de intervenção. E isso não tem relação direta com a maior ou menor relevância que possamos atribuir às personagens.

A alternância entre vários espaços e cenários converte a experiência fílmica em um contato menos prolongado (o que não quer dizer menos íntimo) com as personagens. Por outro lado, não se trata de heroicizá-las, mas de sugerir que são pessoas ricas por serem comuns. Elas não despencarão de prédios sobre avenidas movimentadas; mas integram o cenário, pertencem ao ambiente: elas resultam em figuras adornadas pelos elementos naturais ou decodificadas por objetos-chave encontrados em ambientes fechados.

Ao lado disso, o cinema nórdico valoriza os silêncios, especialmente porque seus roteiristas e diretores distinguem, como poucos, a diferença que há entre fala apressada e eloquência. Não podemos deixar de mencionar a presença constante do clima temperado – uma constante com que o consumidor de cinema produzido na Inglaterra e nos Estados Unidos, por exemplo, não está tão familiarizado.

Por esses e outros motivos, é comum presenciarmos a atribuição de rótulos com que uma porção da crítica (e parte expressiva dos cinéfilos) etiqueta filmes que chegam do norte europeu. Nada mais injusto que aplicar a essas produções, tão atentas e sutis, métricas vinculadas a clichês usualmente reaproveitados nas bandas de cá. Evidentemente, não precisamos rejeitar os *blockbusters* e seus lugares-comuns: todo gênero, seja ele literário, musical, arquitetônico ou cinematográfico, mobiliza os seus...

Descontado o trocadilho, o maior mérito da Ponte Nórdica no Ar é estimular a audiência a ter contato com filmes *noir* de perspectivas diversas, que primam pela qualidade e não subestimam a sensibilidade e inteligência de quem os assiste. Ampliar o cardápio cultural nunca será coisa pouca ou de somenos. O movimento mais produtivo do telespectador residirá justamente na postura contrária: aquela do sujeito curioso por redescobrir como o drama, o mistério e a aventura podem conter ritmos, cores e sons tão diversos.

A feliz oportunidade de assistir a umas e outras representações nas telas sugere que diferentes escolas possam conviver pacífica e harmoniosamente. É evidente



que aqui entram critérios, tanto ou mais subjetivos, como o costume, o gosto e, em particular, o repertório literário e fílmico de cada telespectador. De todo modo, o que mais importa é ressaltar as múltiplas abordagens e modos de produzir narrativas visuais com temáticas similares.

Não será demasiado afirmar que a oportunidade de ampliar o repertório cultural também pode ser considerada um poderoso antídoto contra as ranhuras do tédio; um estímulo à reflexão contra as falácias negacionistas; um meio de alimentar a desconfiança frente ao suposto bem-estar, supostamente proporcionado pelo consumo desenfreado e irrefletido de produtos mais-do-mesmo.

### **Jean Pierre Chauvin**

Professor livre-docente do Departamento de Jornalismo e Editoração na ECA (USP), onde ministra as disciplinas "O Romance Policial de Agatha Christie" e "Cultura e Literatura Brasileira". Atua nos programas de pós-graduação Estudos Comparados (FFLCH, USP) e Letras (EFLCH, UNIFESP). Autor de Crimes de Festim: ensaios sobre Agatha Christie (2017), dentre outros.

# Longas- metragens

Os 6 primeiros filmes | Programação



# Aurora

Certa noite, em uma barraca de cachorro-quente na Lapônia finlandesa, Aurora, conhece o iraniano Darian. Para conseguir asilo para ele e sua filha, ele a pede repentinamente em casamento. Aurora recusa, já tem planos de sair da Finlândia em busca de uma vida melhor. Após conhecer a filha de Darian, Aurora concorda em ajudá-lo, apresentando várias mulheres a ele. Quando surge a candidata perfeita à esposa, Darian e Aurora se deparam com uma escolha difícil.

## **Classificação Indicativa**

12 anos

**Duração:** 105 min

**País:** Finlândia

**Ano:** 2019

**Direção:** Miia Tervo

**Roteiro:** Miia Tervo

**Elenco principal:** Mimosaa Willamo, Amir Escandari, Oona Airola, Hannu-pekka Björkman, Miitta Sorvali, Chike Ohanwe, Ria Kataja, Pamela Tola.



# O Dia Mais Feliz da Vida de Olli Mäki

No verão de 1962, Olli Mäki tem a chance de disputar o título mundial de boxe na categoria peso-pena. Em todos os lugares da Finlândia, das cidades do interior às luzes da cidade de Helsinque, as pessoas torcem para o seu sucesso. A única coisa que Mäki precisa fazer é perder peso e se concentrar. Mas há apenas um problema: Olli está perdidamente apaixonado por Raija.

## **Classificação Indicativa**

12 anos

**Duração:** 96 min

**País:** Finlândia

**Ano:** 2016

**Direção:** Juho Kuosmanen

**Roteiro:** Mikko Myllylahti,  
Juho Kuosmanen

**Elenco principal:** Jarkko  
Lahti, Oona Airola, Eero  
Milonoff.



# A Resistência de Inga

Inga é uma produtora de laticínios em uma pequena comunidade agrícola islandesa, e acaba de ficar viúva. Seu marido tomava conta das finanças da fazenda, e agora ela precisa assumir à frente do negócio. Ela decide começar uma vida nova em seus próprios termos, se rebelando contra a corrupção e injustiça em um esquema de monopólio, comandado por uma poderosa cooperativa local. Ela tenta convencer os outros agricultores a lutarem ao seu lado, mas encontra resistência, e precisará mostrar para todos que uma vida com liberdade não tem preço.

## **Classificação Indicativa**

14 anos

**Duração:** 92 min

**País:** Islândia

**Ano:** 2019

**Direção:** Grímur

Hákonarson

**Roteiro:** Grímur Hákonarson

**Elenco principal:** Arndís

Hrönn Egilsdóttir, Sveinn

Ólafur Gunnarsson, Sigurður

Sigurjónsson



# Departamento Q – Guardiões das Causas Perdidas

O detetive-chefe Carl Morck e seu assistente Assad se envolvem em um caso de cinco anos sobre o mistério do desaparecimento do político Merete Lynggaard - uma jornada que os leva profundamente à corrente de abuso e malícia que se esconde sob a superfície polida da Escandinávia.

## **Classificação Indicativa**

16 anos

**Duração:** 96 min

**País:** Dinamarca

**Ano:** 2013

**Direção:** Mikkel Norgaard

**Roteiro:** Nikolaj Arcel

**Elenco principal:** Nikolaj Lie Kaas, Fares Fares, Sonja Richter, Mikkel Boe Følsgaard, Per Scheel Krüger, Troels Lyby.



# Blind

Ingrid acabou de perder a visão. Ela se esconde na segurança de sua casa, onde se sente em controle e pode ficar a sós, apenas com seu marido e seus pensamentos. Seus verdadeiros problemas, porém, não estão no mundo exterior, e sim dentro dela mesmo. Logo, seus medos mais obscuros vão tomar conta de seu mundo de fantasias.

## **Classificação Indicativa**

18 anos

**Duração:** 96 min

**País:** Noruega

**Ano:** 2014

**Direção:** Eskil Vogt

**Roteiro:** Eskil Vogt

**Elenco principal:** Ellen Dorrit Petersen, Henrik Rafaelsen, Vera Vitali.



# The Feminist

Super-heroína ou vilã - Na Suécia, todo mundo tem uma opinião sobre a pioneira feminista Gudrun Schyman. Ela passou por todos os altos e baixos da vida política: uma assistente social subindo para liderar o partido de esquerda e registrar resultados eleitorais; publicamente envergonhada por sua luta contra o vício; superando seus demônios e fundando o primeiro partido feminista da Europa.

Por tudo isso, Schyman permaneceu ferozmente, assumidamente feminista, trabalhando constantemente para elevar o nível de igualdade na Suécia e na Europa.

## **Classificação Indicativa**

-

**Duração:** 90 min

**País:** Suécia

**Ano:** 2018

**Direção:** Hampus Linder

**Roteiro:** -

**Elenco principal:** Gudrun Schyman, Anna Schyman, Amanda Mogensen, Jacques Öhlund, Lasse Westman, Dan Schyman



# Equipe Técnica

## **Diretoria Executiva**

Anders Hentze, diretor do Instituto Cultural da Dinamarca

## **Curadoria e Direção Artística**

Tatiana Groff

## **Diretoria e Coordenação das Ações Formativas**

Alessandra Meleiro e Vania Cerri (Instituto Iniciativa Cultural)

## **Coordenação de Produção**

Adrienne Gruson Stolaruk

## **Controller**

Rodrigo Gerstner

## **Coordenação Arquivos Digitais e Legendagem**

José Sampaio

## **Design e Plano de Comunicação Digital**

Bea Costa Design

## **Criação de Conteúdo Digital**

Erika Fromm

## **Assessoria de Imprensa**

Binômio Comunicação

## **Programação Plataforma Streaming**

Paulo Fehlauer

## **Assistente Formação Educativa**

André Adabo

## **Textos**

Alessandra Meleiro

Jean Pierre Chauvin

Maria Luiza Dias de Almeida Marques

Priscila Marques

Tatiana Groff



IDEALIZAÇÃO



PRODUÇÃO



PARCEIROS



APOIO INSTITUCIONAL



Embaixada da Noruega  
Brasília



EMBAIXADA REAL DA DINAMARCA  
Brasília



EMBASSY OF SWEDEN

Embaixada da Suécia  
Brasília



Embaixada da Finlândia  
Brasília

REALIZAÇÃO



[WWW.PONTENORDICA.COM.BR](http://WWW.PONTENORDICA.COM.BR)

[#PONTENORDICANOAR](https://www.instagram.com/pontenordicanoar)

CLIQUE NOS ÍCONES E ACESSE  
NOSSAS REDES SOCIAIS

